

# UMA ANÁLISE DA REFORMA PROTESTANTE À LUZ DA TEORIA DA FRATERNIDADE DE ENRIQUE DEL PERCIO

Diego Dorgival de Macêdo<sup>1</sup>

**Resumo:** A Reforma Protestante foi a grande responsável pelo desenvolvimento econômico e social da Europa, rompendo com a Idade Média e inaugurando o período Moderno de nossa história. Tomando como ponto de partida a relação fraternal entre os cristãos da Europa medieval, este trabalho pretende fazer uma análise crítica da Reforma Protestante à luz da teoria sobre fraternidade do pensador argentino Enrique Del Percio. A partir de Martinho Lutero, buscaremos estabelecer uma ponte com a dimensão conflitiva existente em tal relação. A par disso, nosso objetivo é mostrar que toda relação fraternal carrega em si uma carga de conflito, poder e desejo que gera para a sociedade, sob a ótica destes três aspectos, um progresso, e mais, pretendemos incluir neste evento histórico uma linguagem nova que vise um melhor diálogo ecumênico entre cristãos.

**Palavras-chave:** Fraternidade, Protestantismo, Enrique Del Percio.

## AN ANALYSIS OF PROTESTANT REFORM IN THE LIGHT OF THE THEORY OF FRATERNITY OF ENRIQUE DEL PERCIO

Diego Dorgival de Macêdo

Advisor: Prof. Msc. Adilson Ferraz

**Summary:** The Protestant Reformation was largely responsible for the economic and social development of Europe, breaking with the Middle Ages and Modern inaugurating the period of our history. Taking as its starting point the brotherly relationship between Christians of medieval Europe, this paper aims to make a critical analysis of the Protestant Reformation in the light of the theory of brotherhood of the Argentine thinker Enrique Del Percio. From Martin Luther, we will seek to establish a bridge with the existing conflictual dimension in this relationship. Alongside this, our goal is to show that all fraternal relationship carries with it a load of conflict, power and desire that generates for society, from the perspective of these three aspects, progress, and more, we intend to include in this historic event a new language aimed at a better ecumenical dialogue between Christians.

**Keywords:** Fraternity, Protestantism, Enrique Del Percio.

### Introdução

---

<sup>1</sup> Graduando do VII período do Curso de Licenciatura Plena em Filosofia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru – FAFICA. Email: dorgivalmacedo@bol.com.br

Na figura emblemática de Martinho Lutero, podemos contemplar a face de um homem capaz de revolucionar todo o Ocidente com a coragem de expressar e defender suas convicções. Lutero é o estopim da Reforma Protestante – movimento que pregava radicais mudanças no universo católico – e aquele que defendeu igual irmandade entre os cristãos, sem que houvesse a consolidada hierarquia católica, composta pelo Papa, o sucessor direto de São Pedro, os bispos, legítimos sucessores dos apóstolos, os padres, religiosos e por últimos os leigos. Para ele, não poderia haver essa diferença de posições, mas todos deveriam ser tratados de maneira igual e possuir iguais direitos. É este o ponto que mais se aproxima do pensamento de Enrique Del Percio no que se refere à fraternidade: para o pensador argentino toda relação horizontal é geradora de conflitos, mas quando reportamos tal relação para o campo da fraternidade esses conflitos são causadores de progressos positivos. No caso da Reforma, foi o conflito entre os irmãos (católicos) que proporcionou a abertura do Ocidente a uma nova era: a modernidade. Neste aspecto a teoria da fraternidade nos ajuda a melhorar significativamente o ecumenismo entre cristãos católicos e protestantes a partir da consideração da dimensão fraternal neste evento que marca este rompimento no cristianismo que gera conflitos até hoje.

### **1. A Reforma Protestante – breve relato**

O século XVI será profundamente marcado pela ruptura da unidade católica que acarretará em uma total reviravolta em toda Europa e conseqüentemente no mundo. Mas, falar sobre esta ruptura que, historicamente, é conhecida como Reforma Protestante não é uma tarefa fácil, pois suas causas são tão complexas quanto imaginamos. Isso acontece porque “a reforma religiosa teve origens independentes” (DAWSON, 2014, p. 111). O que iremos fazer será elencar alguns pontos relevantes a fim de proporcionar uma compreensão mais clara do que ocorreu neste período.

De antemão já podemos pontuar um assunto que perpassou todo este evento: o desejo por liberdade. Como constata Marcos Antônio (2007, p. 87) “[...] o tema central de toda a Reforma Protestante do século XVI é o da liberdade.”; aqui o conceito de liberdade se estende por diversos âmbitos, principalmente o religioso, mas acarretará em profundas “conseqüências sociais, institucionais, políticas, econômicas, culturais.” (AZEVEDO, p. 87). Outro ponto importante a se considerar é que os cristãos daquele período enfrentavam uma grande crise espiritual devido à prática, tanto ritual quanto

pastoral, dos líderes religiosos (religiosos, padres e bispos). Exemplo disso é que desde muitos séculos antes do estopim da reforma, em 1517 com as 95 teses de Lutero, já surgiam movimentos que apontavam a necessidade de uma reforma na ação dos pastores da Igreja; podemos citar São Francisco de Assis (século XIII) que revolucionou a práxis dos religiosos ao fundar a Ordem dos Frades Menores que tinham como regra básica a pobreza evangélica e o desapego à ostentação vivida pelo clero católico. Outro modelo de reformador é anterior ao Santo de Assis: São Bernardo de Claraval (século XII) responsável por reformar a vivência monástica, oferecer relevantes contributos à teologia e principalmente pelo dom em resolver alguns cismas e contendas que a Igreja enfrentou no século XII.

A partir destes pressupostos podemos perceber que esse movimento que sinalizava para mudanças na Igreja Católica já vinha maturando ao longo de alguns séculos. Então foi

Neste “caldeirão de insatisfação” diante da Igreja Católica Apostólica Romana, eclode a primeira afronta a seus ditames centenários: Martinho Lutero (monge Alemão) afixa na porta da Igreja de Wittenberg, em 1517, suas 95 teses criticando algumas práticas litúrgicas do catolicismo que se afastavam dos mais básicos preceitos bíblicos e propõe o Luteranismo, (nova doutrina baseada na salvação do homem de acordo com a sua fé), apoiado por muitos Reis e Príncipes, principalmente alemães e suíços. Este ato de Lutero deu margem ao nascimento de outros levantes religiosos sob a égide de Movimento Protestante. (MOREIRA; CARVALHO; SILVA, 2005, p. 3)

Agora trataremos, como diz Marcos Antônio (2007, p. 88), de fazer uma breve análise do “século maduro para a implementação do movimento conhecido como a Reforma Protestante”, dando ênfase à figura de Martinho Lutero, primeiro responsável por externar o movimento reformador, o que até então acontecia de modo interno e regulado pela Igreja. Christopher Dawson (2014, p. 113), ao falar sobre Lutero diz que “era um homem do povo e um homem medieval, que pouco deveu às novas influências intelectuais da Renascença.”, ele assim o define ao compará-lo com outros intelectuais da época que apontaram mudanças não só religiosas, como Erasmo de Roterdã, mas que sofreram influência do alvorecer renascentista – o que não ocorreu com Lutero.

Era um homem de profunda intelectualidade, tanto que com menos de trinta anos tornou-se professor de Sagrada Escritura na Universidade de Wittenberg. Foi lá que o monge agostiniano passou a combater o escolasticismo, adotando uma teologia totalmente bíblica.

Lutero foi, sem dúvida, um gênio, um homem de poder e força titânicos, que combinou, em um nível extraordinário, a eloquência vernácula do demagogo com a convicção religiosa do profeta. Sabia como falar para “seus” alemães em linguagem que o homem comum compreendesse e, ao mesmo tempo, falava com convicção e profundidade dos mais insondáveis mistérios da fé cristã. (Dawson, 2014, p. 114)

Em contrapartida seus defeitos terminavam por abafar sua magnitude intelectual. “O temperamento violento e apaixonado não admitia nenhuma contradição, e em cada controvérsia, destruía o adversário com a grosseria e obscenidade de um camponês enfurecido” (DAWSON, 2014, p. 114). Esse antagonismo presente em Lutero o levou a relativizar quase todas as coisas:

Não reconhecia nenhuma verdade, salvo as que sentia e via diretamente ou por um ato imediato de intuição psicológica. Comparativamente, nada mais importava. A autoridade da Igreja, o testemunho da tradição, a experiência religiosa de outros, os dogmas das escolas teológicas, pouco ou nada contavam, uma vez que não concordassem com suas intuições e convicções pessoais. Isso torna o ensinamento de Lutero mais subjetivo e parcial do que o de qualquer outro pensador cristão. (DAWSON, 2014, p. 114)

Foi em uma viagem a Roma que Martinho Lutero começou a desejar efetivamente reformular a prática da Igreja Católica, principalmente em dois aspectos: o comportamento moral do clero e a venda de indulgências. A sede do catolicismo estava envolvida na faraônica obra de construção da nova basílica de São Pedro, iniciada pelo Papa Júlio II, e precisava arrecadar muito dinheiro para conseguir concluir tal obra. Para tanto, durante o pontificado do sucessor de Júlio II, o Papa Leão X resolveu vender indulgências (perdão dos pecados) em favor dos falecidos por toda a Europa. Outro fato relevante era a vida totalmente promíscua que grande parte do clero e dos religiosos vivia em Roma. Lá haviam bordeis somente para clérigos e o pecado da luxúria havia se tornado algo banal entre aqueles que eram “modelos de perfeição”.

Foi diante de todo esse cenário que o monge Martinho voltou à Alemanha convicto de que a Igreja estava se corrompendo e adentrando numa perdição irreversível. Para salvar a Igreja era preciso propor algumas mudanças. Lutero então se achou aquele que foi enviado por Deus para defender as pessoas de Satanás. Ele seria o defensor de Deus na Terra. (Cf. DAWSON, 2014, p. 115). A culminância da intenção de Lutero foram as famosas 95 teses que, segundo consta, foram afixadas na porta da igreja de Wittenberg em 31 de outubro de 1517. Nestas teses Martinho Lutero propunha uma série de mudanças no que dizia respeito à prática das indulgências, ao papado e a alguns dogmas e rituais católicos. O que mais impressionou nas suas teses foi a

linguagem agressiva e direta utilizada e principalmente sua coragem em afrontar a Igreja de Roma.

A oposição que encontrou em Roma e na Alemanha o fez continuar, mesmo antes da condenação por Roma, até a ruptura final com o papado e toda a tradição medieval do catolicismo, o que é expresso nos grandes panfletos de 1520, *À nobreza Cristã da Nação Alemã, Do Cativo Babilônico da Igreja e Da Liberdade do Cristão*. (DAWSON, 2014, p. 117)

Como relata Christopher Dawson (2014, p. 120), em sua obra *A divisão da Cristandade*, “do lado católico, a resistência foi, no início, extraordinariamente fraca.”, haja vista muitos líderes católicos terem considerado Martinho Lutero “um beberrão que num devaneio havia escrito aquilo, mas que logo após a retomada de sua sobriedade retiraria tudo o que havia dito nos escritos”. Mas, ao perceberem a seriedade nas investidas de Lutero contra a Igreja, principalmente nos escritos posteriores as 95 teses, a cúpula católica começou a se movimentar e tomar algumas decisões. Para tanto, os bispos alemães recorreram à autoridade secular na pessoa do imperador Carlos V, que estava convicto a cumprir aquilo que era seu dever para com a Igreja. Dessa forma, o imperador “expressou claramente [...] sua opinião em Worms, em 1521, e foi forte o bastante para forçar a Dieta a aceitar a bula papal contra Lutero e a proferir uma sentença de banimento, apesar da resistência dos partidários de Lutero.” (DAWSON, 2014, p. 120).

O mundo católico enfrentava outros grandes combates, haja vista seus principais líderes na Europa medieval serem monarcas ou estarem ligados à burguesia. Após a Dieta de Worms, Martinho Lutero partiu para a Espanha e permaneceu por lá durante sete anos, e foi nesse período que os adeptos do luteranismo avançaram de uma forma descontrolada na Alemanha – o que a levou para um estado de anarquia e revoltas.

Em todo esse tumulto não havia discussão quanto a execução do Édito de Worms; ao contrário, as forças do protestantismo se tornaram a cada ano mais fortes e mais autoconscientes, especialmente nas cidades livres do Império e nas cidades hanseáticas do Mar Báltico. Ao longo desses anos quase todos aceitaram a nova doutrina, aboliram a missa, secularizaram monastérios e estabeleceram uma nova política eclesiástica. (DAWSON, 2014, p. 121)

O cume de toda esta situação deu-se entre os anos de 1521 a 1522 quando Lutero retirou-se em Wartburg, disfarçado de Juncker Georg. Esse período marcou a ruptura entre o Martinho pregador reformado da Igreja e o novo Martinho, fundador de igrejas evangélicas antipapistas e antiepiscopais. Este “novo” Martinho Lutero também defendia a secularização em oposição ao monaquismo e defendia o casamento de monges e freiras. (Cf. DAWSON, 2014, p. 121). Com o Lutero fundador do luteranismo

surgiram enormes mudanças culturais, sociais, políticas e econômicas assim como outros reformadores e fundadores, como é o caso de João Calvino na Inglaterra. É preciso termos a clareza de que ao se falar sobre a Reforma Protestante iniciada no século XVI, não estamos falando apenas de uma mudança espiritual ou religiosa, mas de uma mudança radical que pode ser considerada o início da Era Moderna.

## **2. A fraternidade universal: um resumo da teoria de Enrique Del Percio**

É de suma relevância fazermos uma breve explanação acerca da teoria de fraternidade apresentada por Enrique Del Percio em sua obra *Fraternidade inevitável: Conflito, poder e desejo*, para podermos aproximá-la com os eventos que se sucederam no período da Reforma Protestante.

Já de início é importante levarmos em consideração qual tipo de fraternidade estamos falando, pois, como o próprio Enrique Del Percio (2014, p. 19, tradução nossa) nos coloca, ela pode ser interpretada tanto “como aquele bem que efetivamente é quanto àquele que queríamos que fosse”. Neste primeiro ponto nós encontramos algo muito interessante para entendermos a fraternidade a partir da ótica social, pois quando falamos neste âmbito veremos que não existe uma relação vertical, como podemos notar em nossas famílias, mas na sociedade as relações se estabelecem de modo horizontal e é daí que brota todo conflito. Assim, o bem do qual falamos acima se torna um ideal utópico, pois toda relação horizontal é conflitiva por essência.

Vale lembrar que ao pensarmos a sociedade devemos considerá-la como produto de uma construção e não algo já dado, acabado, haja vista que

“a cara realista nos dá o dado de que nada está dado de antemão e que, portanto, tudo é questão de construções, e que nunca são definitivas e, em sua dinâmica, são resultado de lutas e de consensos, de diálogos e imposições.” (PERCIO, 2014, p. 20, tradução nossa).

Fica-nos claro que a vida social é uma construção contínua que sempre estará longe de ficar pronta e quando incluimos a noção de fraternidade no seio desta ela ganha um caráter universal, que, se não for bem compreendida e interpretada, pode ser reduzida apenas a “um ideal que nunca se realizará plenamente” (PERCIO, 2014, p. 20, tradução nossa). Isso acontece porque a maioria dos pensadores vê a “fraternidade como ideal a alcançar, caracterizado pela abertura ao outro, a reciprocidade, a unidade, o dom, a generosidade e a comunhão” (PERCIO, 2014, p. 21, tradução nossa).

O que Enrique insiste em fazer é trabalhar a teoria da fraternidade como originária da vida social: “Mas, insisto, também podemos pensar na outra face da

bifronte fraternidade, a face que olha a origem.” (PERCIO, 2014, p. 22, tradução nossa). Esta face que “mira al origen” é que sustenta o argumento de que uma característica originária de toda relação social é a fraternidade e para provar tal proposição Del Percio se utiliza das narrativas míticas que mostram-nos o surgimento das principais cidades e civilizações históricas e percebe um fato interessante: todas elas se originam do conflito entre irmãos. Foi assim com Roma que foi fundada após a briga entre Rômulo e Remo, com a cidade de Henoc que surge depois da morte de Abel e com tantas outras cidades que tem sua fundação narrada através de mitos. Este fato serve de lastro para uma constatação importante: “as relações fraternas são, em si mesmas, conflitivas.” (PERCIO, 2014, p. 23, tradução nossa)

Um outro aspecto a se considerar na teoria de Del Percio é que a fraternidade também deve ser considerada um categoria política, pois não esqueçamos que ela é conflitiva e inevitável. A política é característica puramente humana como “já ensinava Aristóteles faz dois milênios e meio que somos animais políticos” (PERCIO, 2014, p. 33, tradução nossa). Estando a política arraigada em nossa condição humana, em nossa origem social, “a fraternidade, desde as origens das diferentes culturas, vive uma conexão essencial com a instalação da experiência política.” (BAGGIO, 2009, p. 206 apud PERCIO, 2014, p. 33-34, tradução nossa), sob a ótica desta relação essencial entre fraternidade e política e, considerando o conceito de fraternidade enquanto originária da vida social, esta mesma fraternidade

É muitas vezes apresentada como insustentável ou dilacerante, de qualquer forma, como uma relação que contém e exemplifica o conflito e a dificuldade radical das relações humanas [...] mostra a necessidade do outro, da parte de cada um, para compreender a própria identidade. (BAGGIO, 2009, p. 206 apud PERCIO, 2014, p. 34, tradução nossa)

Não somente base da vida social como também construtora da identidade individual de cada pessoa, a fraternidade revela aquilo que temos em comum ao mesmo tempo em que desnuda nossas idiossincrasias. Numa relação fraternal a igualdade coletiva e a diferença individual aparecem simultaneamente, pois “a fraternidade fala de relações horizontais e a horizontalidade estimula o conflito, enquanto a verticalidade tende a desencorajar o ‘de baixo’ para não confrontar seu superior” (PERCIO, 2014, p. 34, tradução nossa). Nesta dicotomia entre relações horizontais e verticais Del Percio deixa claro que não existem hierarquias naturais, portanto, a relação vertical não passa de uma construção social em que uma parte abre mão de sua posição de igualdade para que outrem se ponha acima na esfera social. Quando adota-se este padrão falar de

fraternidade é algo incômodo, irritante, pois “ela questiona, critica, traz o conflito ao centro da cena. Ou talvez não seja ‘trazer’ o verbo mais adequado; deveríamos dizer ‘descobrir’, pois embora não o vendo, o conflito está” (PERCIO, 2014, p. 36, tradução nossa).

Para uma compreensão mais clara de qual fraternidade queremos tratar, vale lembrarmos que a palavra fraternidade que tratamos neste trabalho é utilizada como uma metáfora e não no sentido estrito do termo.

Quando se refere a fraternidade como catacrese, se evidencia que esta não tem por que ter exatamente as características da fraternidade do sentido próprio. Embora não possa haver irmãos sem um pai ou uma mãe, pode-se haver fraternidade universal (analogia catacretica) sem pais. (PERCIO, 2014, p. 48, tradução nossa)

A catacrese faz-se necessária nesta teoria porque

Não há outro termo que designe o fato de que todos os seres humanos estão em condição de horizontalidade; e vale que a horizontalidade não é sinônimo de igualdade: os irmãos estão nessa condição, mas não são iguais. Sempre há fraternidade, mas a história nos mostra que poucas vezes há igualdade. (PERCIO, 2014, p. 48, tradução nossa)

## 2.1 Fraternidade ética: a virtude aristotélica

Para falar de ética na teoria de Enrique Del Percio não podemos nos deter a uma perspectiva platônica que afirma existir um bem que existe por si mesmo, o qual devemos buscá-lo para conseguir um padrão de conduta, mas a ética fraterna de Del Percio é puramente aristotélica. Para tal, Enrique se apropria do conceito de virtude em Aristóteles: “o bem é algo que acontece, que vai se realizando mediante nosso agir em comum” (PERCIO, 2014, p. 107, tradução nossa).

Neste campo, indivíduo e sociedade são concebidos como relação, “o que nos permitirá apreciar que existem questões estruturais que condicionam as ações e condutas, mas sem chegar a eliminar totalmente a liberdade última do sujeito” (PERCIO, 2014, p. 110, tradução nossa). O que se pretende é pensar a ética a partir da utilidade e da felicidade; aqui seja uma utilidade individual ou coletiva.

A utilidade se define em função do vínculo entre o sujeito com os objetos, incluindo os outros indivíduos como objeto, pois a utilidade privilegia as relações posicionais entre as pessoas: fazer algo a fim de adquirir uma coisa e/ou de posicionar-me melhor que outros no status social. (PERCIO, 2014, p. 110, tradução nossa)

Em contrapartida podemos entender a felicidade “em função da relação que um seja capaz de manter consigo mesmo e com os demais, considerando que eles me



constituem” (PERCIO, 2014, p. 110, tradução nossa). Precisamos compreender que esses dois conceitos não se contrapõem, mas tem uma relação de meio e fim. Meio e fim porque “em geral, a felicidade exige a utilidade para realizar-se [...] a utilidade é um dos meios mais importantes para alcançar a felicidade” (PERCIO, 2014, p. 112, tradução nossa).

## **2.2 Fraternidade e conflito**

Para esclarecer a dimensão conflitiva presente na fraternidade, Del Percio toma como base algumas reflexões acerca do conflito com o intuito de organizar uma tipologia clara. O primeiro ponto trabalhado por ele é a metáfora do conflito enquanto protagonismo ou como antagonismo, “o conflito como *protagonismo* é quando as partes em conflito encontram um objetivo em comum e como antagonismo quando o objetivo imediato é derrotar ou eliminar o outro” (PERCIO, 2014, p. 146, tradução nossa). É evidente que o conceito que está presente no conflito fraternal é o protagonismo, pois este é canalizável, é articulável a fim de se chegar a um objetivo comum. É um conflito que existe, mas o centro da questão é a busca de acordo entre ambas as partes, a procura de um objetivo comum para as partes em conflito. Portanto, não existe articulação em uma sociedade compreendida com uma pirâmide onde existe um grupo que está no topo e outro que está à margem, abaixo. Uma sociedade esquematizada de modo vertical não articula seus conflitos, mas quando a sociedade compreende sua dimensão igualitária, seu aspecto fraternal, ela torna-se capaz de articular e canalizar os conflitos existentes em seu seio com o intuito de promover o bem-comum.

## **3. A relação entre a Reforma Protestante e a teoria da fraternidade de Enrique Del Percio**

Chegamos ao cerne de nosso estudo e, conseqüentemente, a parte mais complexa e delicada: concatenar a teoria de Enrique Del Percio com os eventos que aconteceram no período da Reforma Protestante a fim de validar esta teoria. Para tanto tomaremos os conceitos mais relevantes em ambas as partes e buscaremos uma aproximação conceitual dos fatos ocorridos no século XVI com o pensamento de Del Percio.

A primeira questão a ser abordada é a irmandade existente e pregada entre os cristãos: todos são irmãos, pois são filhos de Deus e participam da mesma família

através do batismo. Aqui não encontramos dificuldade para aplicar o conceito de fraternidade universal formulado por Del Percio (2014, p. 56, tradução nossa) “às vezes é uma particularidade que, para universalizar sua demanda, constrói-se um tipo de fraternidade necessária para transformar a realidade vigente”. Foi o caso do monge alemão Martinho Lutero que, para universalizar a necessidade de mudanças na Igreja Católica, criou uma fraternidade entre aqueles adeptos à suas ideias com o intuito de persuadir a Igreja a acatar suas teses, o que acarretou no surgimento do luteranismo. É interessante perceber que Lutero constrói este conceito de fraternidade para contrapor ao modelo hierárquico da Igreja Católica e, mesmo sem perceber, também contrapõe o modelo de sociedade imperante na Alemanha medieval que seguia o modelo de uma pirâmide onde o imperador estava no topo e

Abaixo do imperador havia sete eleitores – eclesiásticos e leigos. Subordinados aos eleitores estavam os príncipes – duques, bispos e príncipe-abades. Sob os príncipes estavam as cidades livres, os cavaleiros e os condes – todos eram governantes independentes nas próprias pequenas províncias, que muitas vezes não eram maiores que as terras de um fidalgo rural inglês. Na base da pirâmide social estavam os camponeses, que carregavam nas costas todo o ônus do edifício, mas que não tinham meios de expressão política (DAWSON, 2014, p. 110)

Defendendo uma fraternidade horizontal entre os cristãos, Martinho Lutero publicou em 1520 o primeiro escrito da Reforma, *À Nobreza Cristã da Nação Alemã*. Nesta obra Lutero afirma e defende “que todos os cristão eram iguais. Não há verdadeira distinção entre as ordens temporal e espiritual. Padres e bispos são simplesmente funcionários da sociedade cristã e não possuem poder inerente de jurisdição” (DAWSON, 2014, p. 118). O que Lutero pretendia era uma igreja onde todos fossem e possuíssem igual direito de participação, principalmente no tangente ao acesso de todo povo às Sagradas Escrituras: “Não cabe somente ao clérigo decidir o que deve ser feito. A Palavra de Deus e as Escrituras são propriedade comum de todos os fieis.” (DAWSON, 2014, p. 118). Novamente nos reportamos à teoria de Enrique quando este falará de seu caráter universal:

Se todos somos irmãos, não somos filhos nem pais. A horizontalidade levanta incômodos pela direita os expoentes da hierarquia, mas também pela esquerda às vanguardas esclarecidas que tratam aos subalternizados como crianças às quais devem explicar-lhes ao que estão submetidas e como devem libertar-se. (PERCIO, 2014, p. 57, tradução nossa)

Outro fato importante é que uma parte da teoria de fraternidade apresentada pelo pensador argentino utiliza o exemplo das narrativas míticas entre irmãos, para demonstrar a dimensão progressista presente em um conflito fraternal. Com a Reforma não precisamos nos munir de nenhum mito, mas os próprios fatos tratam de confirmar a perspectiva de Del Percio. Segundo Marcos Antônio (2007, p. 87) a Reforma Protestante trouxe “consequências sociais, institucionais, políticas, econômicas, culturais”. Se para surgir a cidade de Roma foi preciso haver o fratricídio entre Rômulo e Remos, para que se consolidassem radicais mudanças culturais, econômicas e principalmente políticas fez-se necessária a Reforma que “estendeu-se na cultura e na vida política e social da Europa como um todo e, certamente, no Ocidente.” (AZEVEDO, 2007, p. 89).

### **Conclusão**

Com a Reforma Protestante uma série de profundas mudanças ocorreu em todo Ocidente. Podemos afirmar que houve um enorme progresso em toda Europa, mas que custou a vida de muitos. Foi um período de muitos conflitos entre católicos e protestantes, entre aqueles que defendiam a permanência da realidade medieval e aqueles que queriam a liberdade para inaugurar uma nova era, com novas perspectivas, um novo modelo de sociedade.

A teoria da fraternidade apresentada pelo argentino Enrique Del Percio vem para elucidar muitos aspectos relevantes deste período da história. Dentre eles as ideias revolucionárias de Martinho Lutero, principalmente no que diz respeito à sua tese de que todos os cristãos possuem iguais direitos já aqui na Terra. O conceito de universalidade trabalhado por Enrique explica de maneira muito objetiva a raiz da Reforma, pois ao articular todas as demandas da Alemanha medieval, Lutero “concentra o poder para dizer aos defensores [...] ‘vocês não são nossos pais, mas nossos irmãos: tão irmãos como Rômulo e Remo ou Caim e Abel’” (PERCIO, 2014, p. 56, tradução nossa).

## Referências

AZEVEDO, Marcos Antônio Farias de. **A liberdade cristã em Calvino: uma resposta ao Mundo Contemporâneo**. 2007. Tese (Doutorado em Teologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

DAWSON, Christopher. **A Divisão da Cristandade: Da Reforma Protestante à Era do Iluminismo**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014.

PERCIO, Enrique Del. **Ineludible Fraternidad: Conflicto, poder y deseo**. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones CICCUS, 2014.

MOREIRA, Andressa Barroso de O. *et al.* **A Reforma Protestante e a Contra Reforma Católica**. 2005. Artigo apresentado no 5º período do Curso de História (Licenciatura) – Faculdade José Augusto Vieira, Lagarto, 2005. Disponível em: <[http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/142\\_023927\\_AReformaProtestante\\_andrezza.pdf](http://linux.alfamaweb.com.br/sgw/downloads/142_023927_AReformaProtestante_andrezza.pdf)> Acesso em: 19 outubro 2014.